

# Para atrair investidor, não basta fazer gol

Flamengo, Grêmio, Vasco e Ceará são clubes com potencial para atrair recursos, segundo estudo



Com receita de R\$ 914 milhões, Flamengo é avaliado entre R\$ 1,4 bi

e R\$ 1,8 bi — Foto: Alexandre Cassiano/O Globo

Os clubes de futebol do Brasil que profissionalizaram a gestão nos últimos anos se tornaram negócios mais atrativos para investidores. Um estudo da Ondina Investimentos, especializada em fusões e aquisições, concluiu que o Flamengo é hoje o clube mais bem posicionado para receber um aporte de recursos. O Grêmio se destaca entre os clubes com receita de R\$ 300 milhões a R\$ 500 milhões, enquanto o Vasco lidera entre aqueles que faturam entre R\$ 100 milhões e R\$ 300 milhões. Na faixa de receita abaixo de R\$ 100 milhões, despontou o Ceará.

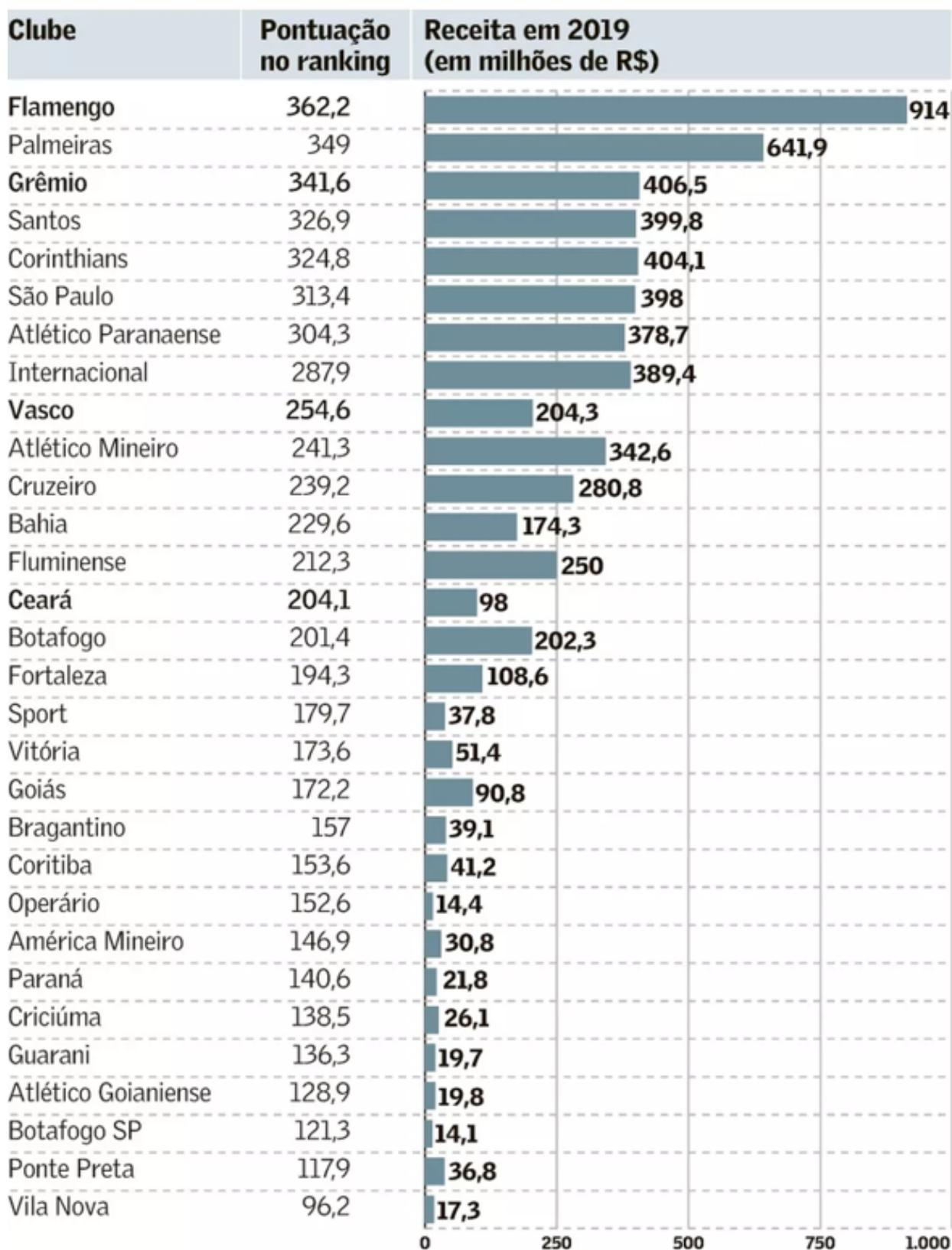
O ranking de atratividade para investidores foi elaborado a partir da ponderação de quatro grupos de fatores: desempenho financeiro, com peso de 33,1% na pontuação geral, desempenho esportivo (30,5%), características da região (19,9%) e outros fatores, como tamanho da torcida, com impacto de 16,5%. Foram avaliados os 30 clubes das séries A e B que publicaram demonstrações financeiras nos últimos três anos. Juntos, eles somam R\$ 6 bilhões em receitas e endividamento de R\$ 11,7 bilhões.

Primeiro e segundo lugar no ranking, Flamengo e Palmeiras faturaram R\$ 914 milhões e R\$ 642 milhões. Juntos, esses dois times representam 25% da receita dos clubes analisados e crescem o dobro da média dos demais.

Com 28,4 milhões de torcedores, o Corinthians aparece atrás do Grêmio e do Santos, principalmente por conta do elevado passivo, que somava R\$ 967 milhões ao fim de 2019, grande parte referente à construção do seu estádio.

# Ranking da bola

Os clubes mais atrativos para investidores, por ordem decrescente



Fonte: Ondina Investimentos, com base nas demonstrações financeiras auditadas dos clubes

Abaixo do Corinthians vem o São Paulo, em sexto lugar no ranking.

A pontuação do time, terceira maior torcida do país, foi prejudicada pelo recuo de 13% na receita desde 2017 e prejuízo de R\$ 156 milhões no ano passado. Os números do São Paulo foram acompanhados ainda de um baixo desempenho esportivo nos últimos oito anos, período que o clube não ganhou nenhum título.

Para Arthur Machado, responsável pelo estudo, os clubes de futebol no Brasil não terão outra saída senão arrumar a gestão para driblar a queda da receita com a venda de talentos para o exterior: "O que temos no Brasil é ainda amador. Os clubes na maioria das vezes são geridos por empresários apaixonados que não conseguem se dedicar 100% ou por grupos nem sempre bem-intencionados".

O principal reflexo disso são times com grandes torcidas, marcas valiosas, mas com situação financeira falimentar. Nesse grupo, o Cruzeiro e Botafogo, cada um com dívida de R\$ 1 bilhão, são os casos mais críticos em termos de solvência. Machado pondera, no entanto, que não se tratam de situações irreversíveis e a história recente do futebol mostra isso.

Em 2013, o Flamengo também tinha dívida de R\$ 1 bilhão e, com uma mudança na gestão, equacionou os passivos e hoje ocupa o topo do ranking. Considerando os múltiplos de receita e lucro antes de juros, impostos, amortização e depreciação (Ebitda) de cinco clubes listados em bolsa de valores na Europa (Manchester United, Ajax, Juventus, Borussia Dortmund e Lyon), o Flamengo valeria hoje algo entre R\$ 1,4 bilhão e R\$ 1,8 bilhão.

O Bahia foi outro que deu a volta por cima. O clube, que chegou a sofrer uma intervenção judicial em 2011, cresceu na média 35% nos últimos três anos e voltou a gerar lucro. Apesar disso, o Bahia acabou perdendo a posição no ranking para o Vasco, entre os clubes que faturam entre R\$ 100 e R\$ 300 milhões.

A seu favor, o Vasco conta com uma torcida três vezes maior que o Bahia, mais títulos expressivos e estádio próprio - algo que o clube nordestino não dispõe -, o que amenizou o impacto do alto endividamento do time carioca na pontuação global.

Mesmo com menos da metade da torcida do Sport, que passa por uma crise financeira, o Ceará é hoje o time mais interessante para investidores, no grupo que fatura menos de R\$ 100 milhões. Sob uma gestão profissional, o Ceará triplicou a sua receita nos últimos três anos e tem um dos raros casos de baixo endividamento no setor, o oposto do rival pernambucano.

Enquanto em países como Inglaterra, França e Itália predomina o modelo de clube-empresa, no Brasil os times ainda são organizados sob o formato de associação, que prevê, dentre outras coisas, benefícios fiscais. No ano passado, a Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei para facilitar a transformação dos clubes em empresas, favorecendo o pagamentos do passivo tributário, mas o assunto está parado no Senado.

Se a pauta andar, as mudanças podem impulsionar os negócios no setor. Para Machado, os clubes brasileiros são "potências econômicas", mas para atrair investidores precisam antes arrumar a casa. Sem avanço significativo na governança, as poucas transações da última década acabaram desfeitas, como as sociedades entre Exxel Group e Vitória (BA) em 2004, Opportunity e Bahia, em 2006, e Elephant e Figueirense, em 2019.

Entre as transações mais recentes, duas perduram, mas ainda é cedo para avaliar se vão ser bem-sucedidas. Em 2018, o Botafogo de SP se transformou em uma S.A. e recebeu aporte da Trexx Holding, hoje dona de 40% do clube. No ano passado, a Red Bull comprou o Bragantino, por R\$ 45 milhões, e conseguiu acesso para a série A.

